



PULGAS DE CONCRETO

Lou Vilela

PULGAS DE CONCRETO

Lou Vilela

PULGAS DE CONCRETO

Editora
Universitária  UFPE

Recife, 2012

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Prof. Anísio Brasileiro de Freitas Dourado.

Vice-Reitor: Prof. Sílvio Romero Marques.

Diretora da Editora UFPE: Prof^ª Maria José de Matos Luna.

Editora associada à



Comissão Editorial

Presidente: Prof^ª Maria José de Matos Luna.

Titulares: Ana Maria de Barros, Alberto Galvão de Moura Filho, Alice Mirian Happ Botler, Antonio Motta, Helena Lúcia Augusto Chaves, Liana Cristina da Costa Cirne Lins, Ricardo Bastos Cavalcante Prudêncio, Rogélia Herculano Pinto, Rogério Luiz Covaleski, Sônia Souza Melo Cavalcanti de Albuquerque, Vera Lúcia Menezes Lima.

Suplentes: Alessandro da Silva, Arnaldo Manoel Pereira Carneiro, Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Eduardo Antônio Guimarães Tavares, Ester Calland de Souza Rosa, Geraldo Antônio Simões Galindo, Maria do Carmo de Barros Pimentel, Marlos de Barros Pessoa, Raul da Mota Silveira Neto, Sílvia Helena Lima Schwamborn, Suzana Cavani Rosas.

Editores Executivos: Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Rogério Luiz Covaleski, Sílvia Helena Lima Schwamborn.

Capa: Ildembergue Leite de Souza.

Revisão: Andréa Vasconcelos; Flávio Emmanuel Pereira Gonzalez; Rosângela Soares.

Imagens do miolo: Fátima Queiroz | <http://aterraazul.blogspot.com.br>

Impressão e acabamento: Editora Universitária da UFPE.

Catálogo na fonte:

Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

V699p	Vilela, Lou. Pulgas de concreto / Lou Vilela. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2012. 95 p. – (Coleção Novos Talentos). Inclui biografia. ISBN 978-85-415-0167-5 (broch.) 1. Poesia brasileira. I. Título. II. Coleção.	
B869.1	CDD (23.ed.)	UFPE (BC2013-009)

COLEÇÃO NOVOS TALENTOS

É com grande satisfação que a Editora Universitária (EdUFPE) e as Pró-Reitorias para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe) apresentam ao mercado editorial a *Coleção Novos Talentos*. Trata-se de mais uma iniciativa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) pela democratização do acesso ao conhecimento, desta feita por meio do incentivo à publicação de obras inéditas, produzidas por seus servidores técnico-administrativos e estudantes em nível de graduação.

O nome escolhido não poderia ser outro, pois, como indica, há, entre graduandos e quadro funcional da universidade, novos talentos à espera de uma oportunidade editorial. Em 2012, lançamos o edital de inscrição de propostas e, na primeira fase de publicação, vêm a lume nada menos que 17 títulos, cobrindo diferentes áreas de conhecimento, como literatura, música, teatro, pedagogia, gastronomia, administração pública e tecnologia. A diversidade de temas e o bom número de aprovações demonstram que a UFPE acertou ao perceber a necessidade de uma nova linha editorial para setores tão importantes da comunidade universitária, ampliando, assim, o compromisso de democratização editorial, que já contava com outras séries como *Teses e Dissertações* e *Livro-Texto*.

Outros editais da *Coleção Novos Talentos* virão. Outros estudantes e técnico-administrativos serão incentivados a transformar em livros suas habilidades para a produção do conhecimento. E, assim, essas duas partes vitais da nossa comunidade universitária colaborarão ainda mais com a missão social da UFPE em ser uma fonte de soluções para a melhoria da sociedade.

Maria José de Matos Luna
Diretora da EdUFPE

*Para André, Iago e Tarcimá,
sempre.*



Pulgas de concreto

Urinavam-se mutuamente para demarcar território: eram cães que rosnavam no asfalto farejando as próprias mortes.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Pernambuco, pelo estímulo à elaboração e difusão de publicações diversas entre grupos da comunidade universitária.

Ao Prof. Sébastien Joachim, pela leitura crítica desta obra.

À Fátima Queiroz, Hercília Fernandes, Daniela Delias e Assis Freitas, por incentivos vários, pelas provocações, alumbramento e inquietação em seus trabalhos.

À Fátima Queiroz, Hercília Fernandes, Daniela Delias e aos demais pares, pelas trocas enriquecedoras e/ou por incentivos vários.

Aos familiares, porque raízes.

Aos amigos, porque pontes.

A você que me lê.

PREFÁCIO

O trabalho poético de Lou Vilela parece ter aproveitado as lições dos grandes mestres da poesia brasileira que aliam uma exploração da alma humana sem perder de vista o meio social e a natureza circundante, pois está aqui quase constantemente presente um olhar atento à ecologia, ao Sertão e à arte que os presentifica ao tematizar nosso presente e seu potencial existencial.

Os textos desta jovem poeta são da dicção sóbria de João Cabral de Melo Neto até nos cumprimentos dos versos esburacados de silêncio.

Cada poema foi burilado com uma aguda consciência do ofício de escrever, frente a si mesma, frente à comunidade a que pertence direta e indiretamente. Tenta fazer gritar vozes amordaçadas pela penúria ou pela incerteza de amanhã. Assim, constroem-se, nessas páginas-telas, formas de expressão que furam opacidades que resistem, como se fossem a ponte para desarticular as palavras, para forçá-las a render além do uso estratificado.

Como subentendido acima, o leitor assistirá a uma procura incessante de tradução das almas, do mundo ao redor, das aspirações dos indigentes, a uma vontade de tecer laços e um desejo de ultrapassagem rumo a um destino humano melhor.

O que podemos a mais desejar? Está aqui uma obra, ou seja, algo que vem preencher a expectativa de todos que amam a boa poesia, inclusive os alunos desejosos de se conhecer, de conhecer o mundo do Nordeste e de iniciar-se em diversas facetas da linguagem que manuseiam com tanta ingenuidade.

Sébastien Joachim
Professor de crítica e teoria literária (UEPB/UFPE)

APRESENTAÇÃO

Pulgas de Concreto, meu primeiro livro solo, reúne trabalhos escritos ao longo dos últimos cinco anos, de forma não linear, organizados em subtítulos de acordo com possíveis perfis psicológicos apontados pelo eu lírico. A primeira parte – **O poeta e a língua** – apresenta o fazer metalinguístico, convida o leitor à mergulhar no campo imagético, no qual, muitas vezes de forma lúdica, manuseio símbolos, desconstruindo-os, propondo (re)leituras várias, assim como diálogos intertextuais. A seção **O beco** apresenta poemas mais densos, reflexivos, não raro questões de cunho social. Em **A busca**, o leitor será confrontado com questões filosóficas e existenciais, que poderão ser respondidas, ou não, no capítulo subsequente, **O encontro**. A minha inquietação fomenta a multiplicidade do olhar, que se traduz sob diversas vozes e formas. Na penúltima parte, o leitor adentra **O ser-tão** intrínseco ou extrínseco ao ser. Uma linha tênue define os poemas que poderiam ser (re)apresentados sob novos arranjos por caracterizarem menos um estilo, uma atitude perante questões várias que o próprio viver instiga. Não por acaso, finalizo a estrutura deste trabalho com o tema **Luas e Sóis**, metáfora que representa os gêneros e suas inter-relações. *Pulgas de Concreto* segue traço autônomo, independente deste ou daquele movimento literário – *Vontade de escorrer/ Sem margens*; emerge da liberdade criativa que, em contrapartida, espera cumplicidade do leitor e desapossamento de preconceitos; arrisca-se em uma leitura plural de mundo, das gentes e de suas nuances, combinando tons, subtons e peles – um apelo aos sentidos: *propõe, invoca, catalisa/ poesia até quando não dita*.

A autora

O POETA E A LÍNGUA

Fátima Queiroz

Dinamene

tão pele e espanto
composta em tema
rutila a flor
na ponta da língua

O poeta e a língua¹

na boca, sempre algo mais:
a língua que se lhe dis.puta
vogal ressonante ou parasita
propõe, invoca, catalisa
poesia até quando não dita.

aquele que à palavra jaz
en.verga, língua o seu caos;
singra à pele: sua assaz.sina.
formou-se mosca augural,
lambedor de cascas des.feridas.

1 Em intertextualidade ao poema *língua*, do poeta Danilo Abreu.

Fluidez

Acordei com o sal da palavra.
Logo hoje, dia de deslembrar,
Invade-me traçado
Um corpoema.

Acordei com o sal da palavra.
Toda a metáfora liquefeita
Entre os vãos
De minhas coxas,
Vontade de escorrer
Sem margens.

Ser mão

no silêncio de uma página
um espaço que nos caiba
feito cria, feito casa
[impossível, improvável?]
(s)em perdão:
porque desafiamos o tempo.

(Re)fluxo

A palavra almeja, conquista
Ignora a lei da usura
Estampa nas caras, tritura
Apolos, apelos, a cura
A palavra mistura – recicla
Língua aguerrida
Curita
Traspassa o globo, cultu(r)a
Cega de um olho
Orbita
A palavra irrompe, esquerdistas
(Des)conserta sob auspício
Saliva, veneno de cobra
Refaz-se soro ofídico
A palavra impõe-se laço
Margeia, forja Espaço
Mergulha, cabe-se abismo
Fogueia, cumpre-se ato
A palavra lambe (e-)mundos
(Re)fluxo, expande segundo
Corrompe flores de aço
Cavalga até moribundo
A palavra pppppulsa.

A poesia e o mito

Conteve a poesia
com mãos de quimera:

soprou-lhe aos ouvidos
olhar sostenido
fina flor pagã.

Poema sem título II

A dor passa, mas a beleza permanece.
(Renoir)

A poesia engole bocas
Em alarido de olhos
Pululam poemas

Voz

Ao grupo de poesia Vozes Femininas

quero os versos na boca
a sinuosidade da língua
a atitude, o entalhe
uma história sem fim

quero o verbo, a sina
sem siso, sem lacre
o estopim, o asfalto
sob lâmina d'água

quero
do princípio ao lume
a poesia
perplexa
resoluta
o expurgo

Epígrafe

inquieta a epígrafe
pontuada no tempo
um estado da alma
face ativa
presa
em foco

do homem de outrora
bem de acúmulo
olhos náusea
palavra acesa
maldita
mancha de suor em laudas

inquieta epígrafe

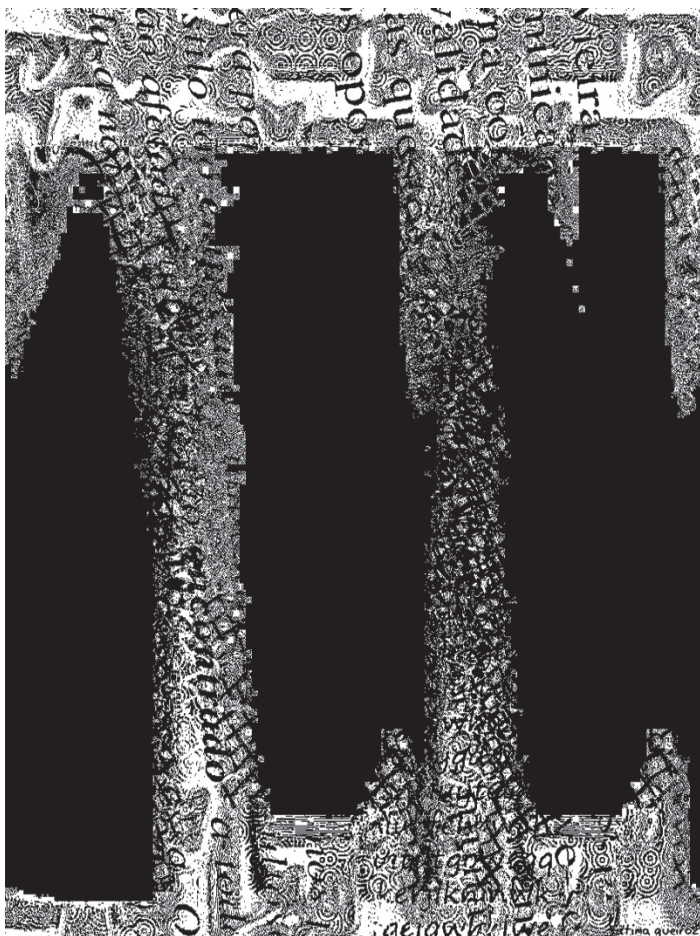
Constatação

quando olhos emitem uivos
banhados em luz prateada

quando a pena emudece
diante de folhas amassadas

é chegada a hora da pele

02 O BECO



Néon

A rua preenhe de sombras
a solidão nas esquinas
a fome, o corpo, a dopamina
o falso gozo em um
beco qualquer...

A vida enquadrada em néon
sob o jugo de olhos míopes.

Resta

Da fome do bicho homem
um buraco que nos come.

Massa atônita

Eram os ossos malabares
De vidas sem ensaio
De corpos sem refrão.

Eram poços os olhares
Atômicos.

Quando o tempo não era exatidão

Criou um mundo além de si
Mesmo, sob pedras
Viria a degustá-lo como prato
Exótico: envelhecido e podre.

A fome de cada um

A fome que nos rege
Alimentada de lombrigas
Escoa pelos vasos
Da sociedade gastronômica

Fezes, ratos, outros grilos
Entopem esgotos
Que transbordam
Aos bramidos

Nos púlpitos, súplicas se alastram
Nas públicas, ações se arrastam
Nos públicos, alguns gozam
[Enquanto p(h)odem,
Outros sangram

Poema inter.rompido

O tempo, cova de espantos;
as gentes, braseiros de saudades...

Temporal

Um passo-quase; arrastado

Uma memória carcomida

Um alvo em movimento

Sistemático

Vimos alguns planos fugirem
De mãos dadas com o silêncio
Outros, mortos, renascerem
Sob essa égide severa, sagaz
Teoria empossada pelos cotovelos
De uma mudez temporal que filtra
E submete-se, esfolada, em crosta.

Incondicional

Encontrar-te é prazer
imbricado à dor.

Houvesse possibilidade,
arrancaria teu grito

– iria enfiá-lo
em minha boca,
acostumada que sou
com sons
entredentes;

libertaria teu canto
de passarinho.

E, passaria.

Ainda carnaval

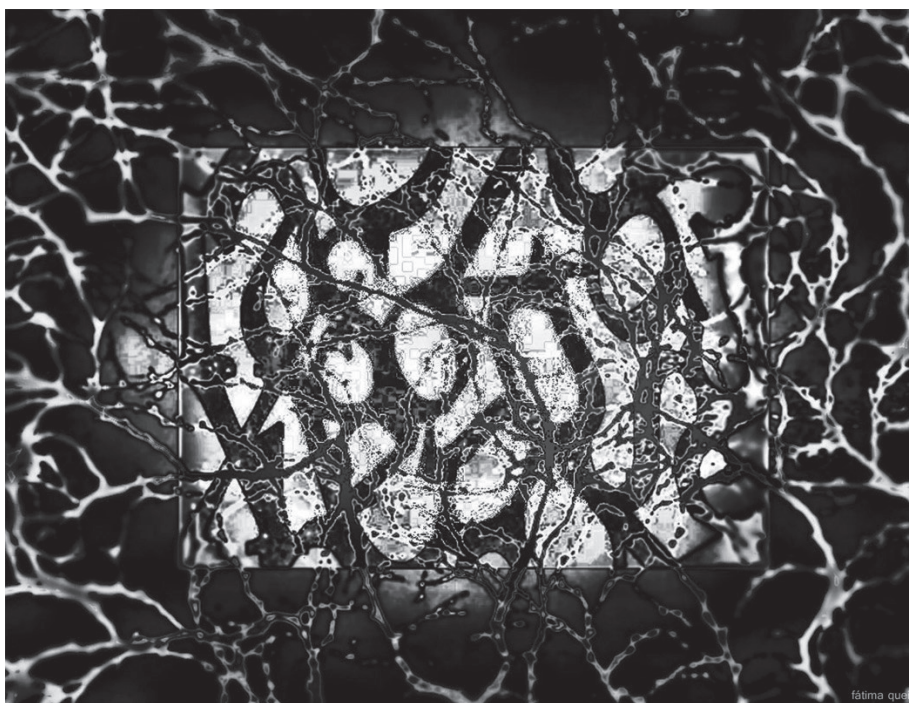
O luxo e o lixo
compõem a fantasia
do folião mascarado

As sapatilhas puídas
enquanto o baile não finda
exibem seus passos

Nostálgica alegoria:
a vida se esvai
em ritmo de frevo
num baile de carnaval

03

A Busca



Um toque de Midas

Portanto, na vida assim refaço-me:
escrevo sob as brumas o meu cansaço,
alinho pensamento aos braços meus,
há dias de olvido – sabe Deus!

As mãos que ora(m) se enlaçam
traduzem, à Midas, os percalços,
poiesis em laudas – sol maior,
matéria transformada em rigor:

Cheiro de cancro vira pó,
reluz no mar a areia fina
de tantos, compõe-se uma mina.

Paciente, amparo-me no infinito.
Daí o meu jogo preferido:
poetizar o que me afoga.

O bonde

O tempo impreciso, necessário
Anda às voltas – turbilhão;

Deixa rastro de estrelas
Todas idas nalgum bonde
Caleidoscópica estação.

As cidades iluminadas
Mais parecem lá do alto
Liturgia, profissão;

Arrebentam todo dia
Os que acordam em romaria:
Bando de arribação.

Ecoam pelo sagrado
Medos, martírios, brinquedos
Marionetes de colisão:

Há na fugacidade
Uma gente dissonante,
Passos simples, claudicantes,
Que se vinca em contramão.

Entre.mentes

Não concebia aquela morte
morte desdenhosa;
morte sem perdão.

Entre o sonho e a realidade,
a urgência do saber.
E nem tudo se sabe.
E tudo o que se sabe é lado.

Lampejos de consciência apontavam:
o punhal que esfacela, seduz;
realça o brio da existência.
Viver atormenta e salva.

Não concebia aquela morte,
a da alma.

Pedaço mastigado

Quando me defino
sou passado,
rio percorrido,
pedaço mastigado.

No hoje transbordo,
rumino e me estranho.

Folhas brancas em altar

Onde nos perdemos?
tantos galhos retorcidos
frutos verdes
folhas brancas em altar

Tantos credos
em latim – não sei bem
conduzindo-nos
coro de bocas ávidas

Onde nos perdemos?
apesar das orações
diverso versejar

Somamos passado
presentes
encruzilhadas
vasos, flores – cruas, nuas, orvalhadas
penumbras, rendas
o peso “sem perdão”

Mosaicos firmemente recordados
lugares sitiados
onde nos perdemos.

Epitáfio

houve um tempo que a sombra apascentava
que o fruto era farto doce
que as raízes desafiavam os ventos

arbusto sobre.tudo agua(rda)va em silêncio
brotos rebentos de frutos
apodrecidos

hoje solo semente

Implume

Se eu lembrasse de outros tempos
das épocas em que aqui estive
dos castelos ancestrais
talvez me fosse possível
tocar alguns sinos a mais
julgar esta fome: banal.

Entretanto, no paço inverso
premido
típico
complexo
pululo, sou quase! – instante;
metáfora de manguezal.

Diário de uma notívaga II

Na companhia das sombras
repassava os últimos acordes
até que a noite a engolisse
até que o olhar raiasse.

(Re)começos

ofertou-lhe rosas
vermelhas
ramalhete de amor sem fim
terras fecundas
rios caudalosos
e resmas de folhas
brancas

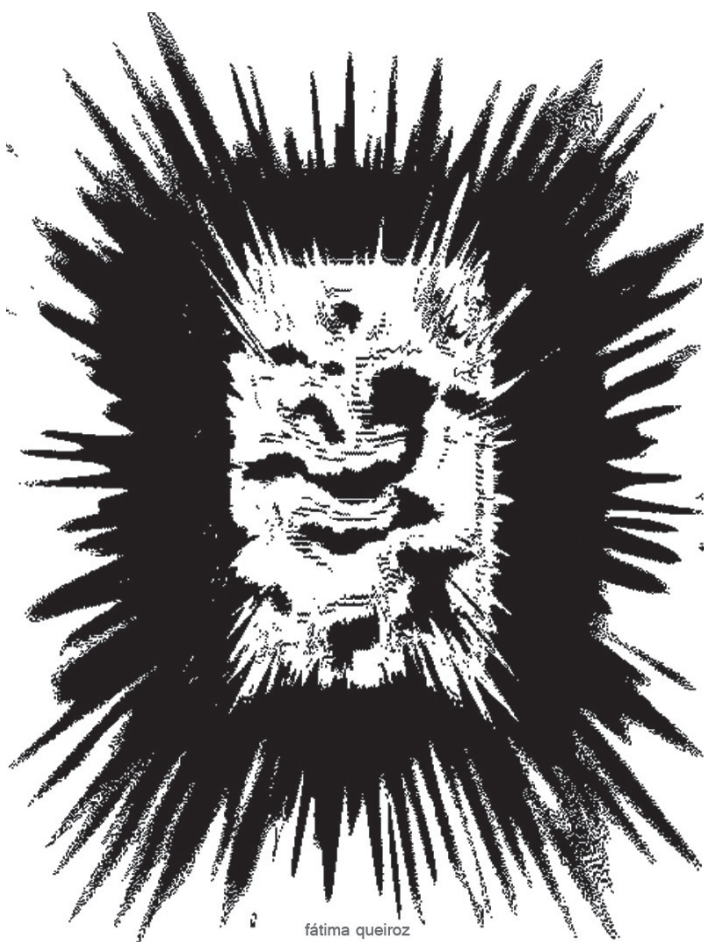
Ramagem

Quis um poema que extrapolasse:
Dimensão e vício:

Compôs-se manso
O silêncio.

04

O Encontro



fátima queiroz

Ouse

É preciso um silêncio, uma febre, uma pena:
Arrancar a pele mil vezes, revirar o estômago;
Prescindir de perfurar os olhos,
De enfiar nos bolsos todas as pedras.

Renovatio²

*Nós, os de então, já não somos os mesmos.
(Pablo Neruda)*

O indivíduo tende a fixar a si
ignorar a si mesmo.

Mas a âncora rasga
os dias de sua existência

: pura impossibilidade
de permanência.

² *Renovatio* (do latim): renovação.

Prelúdio para a salvação II

Não à discordância de dias
Errantes em uma existência
Pousaríamos certezas
Que não temos.
Antes, açoite – risco:
Iniludível mundo amorfo
A se/nos desvendar.

Ainda que eu seja apenas palavra

Para Leonardo Martins.

Posso escrever(-me) naquelas paredes

Cada ranhura

Posso, inclusive, incorporar

O branco gelo das escolhas

Dedicá-lo aos mortos

Mas escorro – textura lisa

Aglutinada em rodapés

De tempo: telas surreais.

Terra de ninguém

pelo corrimão da paisagem
um amor em rebuliço
corre corpo, anoitece
come estrelas
e um punhado de sal
[dades.

O milagre não silencia

Tantas as horas de desassossego,
Felicidade inquieta de passarinho.

Nada tão mais eficaz nesse instante
Quanto o som: gorjear é tecer paixão
Nos chinelos coloridos das manhãs.

Durante o milagre, cuida das asas!
Ousar é enfrentar estações.

Drummond ando Raimundo

A Raimundo de Moraes.

Enquanto há chama, Raimundo,
nós poetas sabemos
o quanto nos vale a poesia:
nomes, rimas, conhaques –
sol e lua sobre tudo;
H₂O [dis.soluções];
A

B

ISMOS:
vasto mundo.

Linha azul

Tocavam-lhe os pulsares
Íntimos olhares clementes

Onde a linha era azul
E os nacos de tempo
Tapetes de liberdade.

Plausível silêncio

Toma-me o linho
o pejo
sítio vão.

Componha-me lento.

Dias plurais
[os de encontros]
forjam instantes
infinitos.

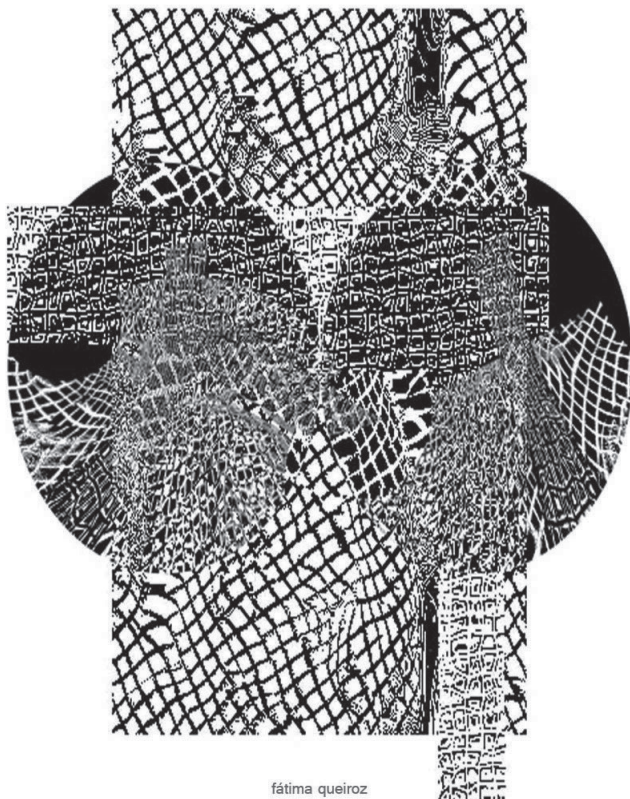
Capela em tarde ser

Cantavam as vozes
Marulho dos ventos
Van Gogh de pontes
Sobre girassóis

Capitulavam o tempo
Fadado em buscas
Contidas em versos
Quiçá rouxinóis

05

O SER-TÃO



fátima queiroz

Lembranças que escoam da retina ³

Para Mariana Botelho.

No silêncio das
horas estreladas
momentos habitados
por fantasmas:

lembranças que escoam da retina,
travessas meninas brincando
com poeira de saudade.

³ Escrito em intertextualidade ao poema *a poesia esqueceu-se numa casa de Minas*, da poeta Mariana Botelho.

Preto e branco⁴

Plural é a seca
Vertente de rostos

Basta-lhe sentir
Fulora poema

Retrato ser.tão

⁴ Escrito em intertextualidade ao poema *Rostos – modos de criar retratos (13)*, do artista plástico e poeta Marcantonio Costa.

Em terra de alfenim

Ah! Esse menino
Quem dera uma vida assim
Pura, deleite, quimera?
Eu beijava seus “olhins”
Fina ternur’ância
Uma discrepância entre troncos
Contorcidos, cupins
Ah! Esse menino...

Fosse o vento meu sussurro
Correria vasto mundo
Faria ponte os segundos
Pra naufragar de amor
Em seus lábios de gemente
Coragem de água’rdente
Curtida precisamente
No suor de meu calor

Fosse o rio meu transporte
Pedra, apoio, consorte
Cachoeira, salto, porte
Pro seu coração estopim
Rezaria o terço inteiro
Todos os dias até o janeiro
Carpido, derradeiro
Em terra de alfenim.

Comprando briga

Não quero obrigação sentido for
Nem esparramar olhar profundo
Se um dia porventura me perder
De versos que intento, sitibundos.

Comprar briga a granel
Desmantelar os inimigos
Manipulando um broquel
Arrematado de ungidos.

Alardear algum valor
Arregado para briga
Fazer tempo vida em flor
Poetar todas as línguas.

Empunhar arma fina
Silenciar cada babel
Aprumar a pontaria
Disparadora de cordel.

Embrulhado em papel de pão

Tomei um porre na esquina
Daquele que entroncha o sujeito
Senti o ar rarefeito
Formigamento na mão
Fiz uns versos, umas rimas
Esvaziei o segredo
Trancafiado no peito
Cuspido em papel de pão

Empolgado, dei vexame
Subi no banco da praça
Declamei com água nos olhos
Pra quem só fazia achar graça
Aqueles versos na mão
O papel todo amassado
Ali desvendava o mistério
Eu, homem sério
Trôpego de paixão

Quem não conhece essa flor
Desdenha de minha dor
Oferece remédio
Mulher cheirosa, fogosa
Que geme o nome da gente
Mas minha paixão renitente
Prefere ranger o dente
Cuspir em papel de pão

Quem sabe um dia ela ouça
Meus versos, minha prece
Sorrindo, logo se apresse

Cuspa em papel de pão
Um bilhete mais que sentido
Dizendo que de ouvido
Soube de minha paixão
E aceita casar comigo

Peleja

Vaga.mente por entre cactos

Uma sede cresta Ser.tão

Disputa palma com o gado.

Tarde gris

não me tomes por triste quando relato
o meu, o teu – o nosso cansaço
entrecortado
animosidade gutural

não me tomes por triste
só poeira, olhar alérgico
descompasso
trans.formação

não, não me tomes por triste
cada veio, cada rasgo provém
de um tempo que esfola
e abriga

Réquiem

Para Letícia, in memoriam.

Algo em mim
(de)compõe...
varro poeira de outrora.

Reemposso grilhões
afundados,
pavilhão da memória.

Novos sujeitos
velhos quinhões:
malabares,
saliva, retina
e ela...
, assaz sina.

Além da pele

Para Lara Amaral.

Trago marcas indeléveis
do que me abocanha
e me alonga.

Porque não sou inteira,
nem deserto.

06

LUAS E SÓIS



Urdume

Na trama de
versos sem rimas
disfarço a minha
incompetência:

não sei desatar_nós.

Do falo à fala

Meio loucas, meio santas

Rimam alternância

Lua

Sol

Meio putas, meio mantras

Freud em si

Menor

Bemol

Da penumbra à(o) Alvorada

Fiam rapadura

Dão a cara à tapa

Parem rouxinol

Fator contramão

Sente-se o (a)mar, a ressaca
O olho gemente
Ungidos serões

Sente-se o toque, o afago
O beijo arpoado
Bramidos, senões

Sente-se o ventre – mergulho
Rodopio obtuso
Bordado à mão

Sente-se, cálice, beba
Latino, poente
Fator contramão

Sobre luas e sóis

Toda lua uiva

Todo sol espreita, em êxtase

Tamanha insensa.tez

Todo sol brilha

Toda lua cega, insana

Tamanha lucidez.

Fisiológico

tua fome é carne
que me come;

é traje
que visto
pelo avesso;

trágica,
profética,
é tropeço;

prurido,
pecado
e perdão.

tua fome
exaspera
minha fome

– alimento
que abisma
e me mata.

Maresia

Tua sede represada
Inunda-me sal(dades)
Saliva de (a)mar
Profundo

Vendaval

Franziu o cenho como quem buscasse proteção
contra o tempo que aquelas palavras prenunciavam.

O amor se inaugurava...

Um regalo, antes que amanheça

Este poema pretende-se
quase tão “eloquente”
quanto o meu silêncio:
trans.borda-nos...

Na lonjura de um poema

Gostava da seiva, teu corpo
arvorecido onde o sol
em areia crepitava.

Ao passante

Implacável o tempo sobre todos
os nomes. Fazer dele uma arte
espanto, extensão...

BIOGRAFIA

Lou é pseudônimo; Sandra é marca pessoal, escolha de mãe; Vilela, herança de pai. Nasci em Natal/RN, mas resido em Recife/PE desde a infância. Administradora, especialista em logística, consolidei a minha carreira profissional trabalhando em indústrias. Também exerci atividades de consultoria e docência. Atualmente, sou funcionária pública federal.

Teço poesia como quem renova o ar dos pulmões. Para dar visibilidade à minha produção literária, tenho utilizado a internet desde o final de 2007. Edito o blogue *Nudez Poética*, além de colaborar com outros espaços virtuais dedicados à arte e à literatura. Integrei o livro *Maria Clara: uniVersos Femininos* (Livro Pronto, 2010); possuo vários textos publicados no *Livro Agenda da Tribo* (edições 2012/2013 e 2013/2014) e na *Germina – revista de Literatura e Arte* (set./2012).

Move-me uma fome de horizontes: à procura da forma, singro mares ins.pirando nau.frágios, auroras, crepúsculos, silêncios... – faço-me moinho de ventos: sopro (re)versos.

Contato: louvilela@hotmail.com

Blogue: <http://nudezpoetica.blogspot.com.br>

PULGAS DE CONCRETO

FORMATO

15,5 x 22 cm

TIPOGRAFIA

Swiss 721 Cn BT

Minion Pro

Editora
Universitária  **UFPE**

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea,

Recife - PE CEP: 50.740-530

Fones: (0xx81) 2126.8397 | 2126.8930 | Fax: (0xx81) 2126.8395

www.ufpe.br/edufpe | livraria@edufpe.com.br | editora@ufpe.br

ISBN 978-85-415-0167-5



Este é um dos 17 títulos publicados com o selo da *Coleção Novos Talentos* (edital 2012). A iniciativa é fruto de uma ação conjunta entre a EdUFPE e as Pró-Reitorias para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe) e visa incentivar a publicação de obras inéditas, produzidas por servidores técnico-administrativos e estudantes em nível de graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A proposta é democratizar a possibilidade de publicação através da descoberta de novos autores que, embora ostentem inegável talento para as letras, têm difícil acesso ao mercado editorial por serem neófitos. Todos os títulos foram analisados pela Comissão Editorial da EdUFPE, composta por cientistas da UFPE com notável saber científico, e representam importantes contribuições para diferentes áreas, tais como literatura, música, teatro, pedagogia, gastronomia, administração pública e tecnologia.